



PALCO

JUIZ DE FORA, OUTUBRO. 2009. ANO II, Nº II

CINE-TEATROS IDEAIS DE UMA ÉPOCA

Em edição de 16 de outubro de 1929, a revista carioca *Cinearte* – a mais importante publicação sobre cinema no país até a década de 30 – saudava a suntuosidade do então recém-inaugurado Cine-Theatro Central de Juiz de Fora como uma “nova fase cinematographica”. O cronista, na linguagem pomposa do jornalismo da época, não economizou adjetivos ao descrever o cine-teatro: “impontente, magestoso na sua linha architectonica”, “toda a sala é um prodígio, uma harmonia perenne de sons, de luzes, de perfumes trescalantes”.

No início dos anos 30, a cidade colocava-se em dia com a ascensão do cinema, que se tornaria, pouco mais tarde, uma das maiores manifestações artísticas do século passado. Os primeiros espaços construídos para a exibição de filmes eram chamados de “teatros cinematográficos”: grandiosas salas mantinham os espetáculos teatrais, mas incorporavam a sua programação as histórias narradas atra-

O Central não foi o primeiro cinema ou cine-teatro de Juiz de Fora. Em 1900, estreava no Salão Paris, à Rua Halfeld, o cinematógrafo da Empresa Leal & Amaral. Um pouco mais tarde, em 1912, o Cine-Teatro Farol já funcionava e, em 1927, o pioneiro João Carriço inaugurava o Cine-Theatro Popular, na Avenida Getúlio Vargas.

No início do século XX, quando começaram a surgir os primeiros salas de cinema, a palavra de ordem era modernizar. O cinema, que nasceu como entretenimento essencialmente masculino, começava a atrair o público burguês. Lançava-se sobre ele o olhar artístico e não apenas o do divertimento. As tímidas salas, que inicialmente dividiam o espaço com a suprema arte teatral, aos poucos tornam-se lugar de frequência social. Surgem, sessões direcionadas para públicos determinados, como as *matinées* infantis e as *soirées* femininas. A partir dos anos 20, as mulheres caminham para se tornarem o maior público cinemato-



NESTA EDIÇÃO

DANÇA
TRANSFORMAÇÃO
POR MEIO DA ARTE

CENTRAL
UM ANO DE PALCO

MEMÓRIA
SOCIEDADE
DE BELAS ARTES
ANTONIO PARREIRAS

ENTREVISTA
GLÓRIA MENEZES

MAMM
TRAÇOS
CONTEMPORÂNEOS

vés da lente de uma câmera. A ideia de manter o palco nas exibições cinematográficas era mostrar que o cinema era tão importante quanto o teatro e que poderia, sim, ser considerado uma grande arte.

Posteriormente, a expressão “cine-teatro” surgiu para especificar os espaços construídos como teatros, mas que abrigavam também o cinema ou que foram adaptados para a exibição de filmes. As salas sustentavam o diálogo com a tradição teatral, trajando-se de pesadas decorações, divisão por andares, separação de classes, fosso de orquestra, camarotes em forma de ferradura e *hall* de entrada (*foyer*).

O historiador de arquitetura e urbanismo Renato Gama-Rosa afirma que as características de um cine-teatro eram dadas pelo uso de cada espaço. “Como nos primeiros anos (ao menos até a Segunda Guerra), a exibição de filmes era irregular, o melhor para essas salas era poder oferecer tanto peças de teatro e números musicais quanto pequenos filmes. E para isso bastava que a sala tivesse uma tela de projeção ao fundo de um pequeno palco.”

Unindo a tela à dramaturgia, nos anos 20 a exibição de um único filme contemplava também apresentações teatrais e líricas, responsáveis por atrair o público e conferir prestígio à sala. Em Juiz de Fora, por exemplo, o Cine-Theatro Central foi responsável por colocar a cidade na rota das principais companhias nacionais e internacionais de teatro, ópera e dança, que dividiam o palco com o cinema.

As exibições de filmes, seriados, cinejornais ou pequenas comédias eram antecedidos pela apresentação da orquestra, que se responsabilizava pela trilha sonora das películas ainda mudas. No Central, o prefixo musical que anunciava o início da sessão era a “*Cavalleria Rusticana*”, do compositor italiano Pietro Mascagni. Em alguns cine-teatros, as apresentações ficavam também por conta de um único pianista ou pequeno grupo de músicos, o que dava forma aos cine-concertos.

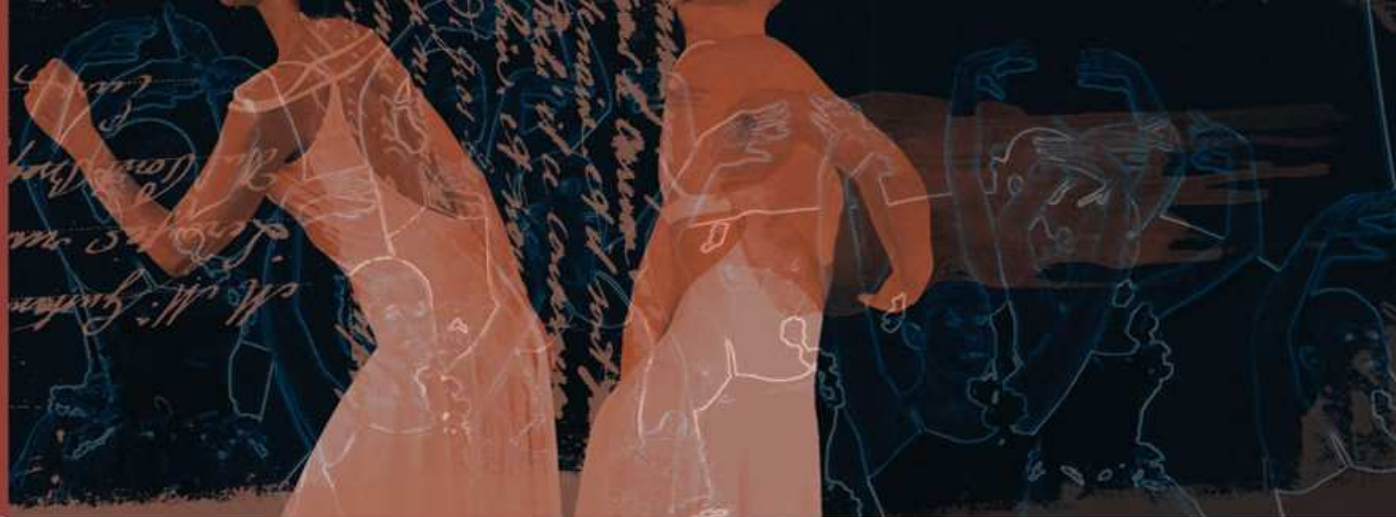
gráfico, e, com isso, ganham detalhes pensados exclusivamente para chamar a atenção delas.

Ênfase na beleza (alguns com evocações fantasiosas de terras exóticas na decoração interna) e na segurança dos cine-teatros eram prioridade, além do resguardo das salas de espera, que costumavam abrigar apresentações de bandas de jazz ou números artísticos que precediam o filme principal. É também nesta época que surgem os porteiros, os lanterninhas e as moças da venda de doces – novas funções criadas para o conforto do público que se forjava.

O cinema tornava-se espaço de diferenciação social. Grandes inovações técnicas caracterizaram o século passado, e era preciso uma arquitetura que refletisse a modernidade e o progresso das metrópoles e do cotidiano de seus habitantes, que passavam por muitas transformações sociais. As novas construções, com até quatro pavimentos, estabeleciam divisões entre as plateias, com corredores mais amplos, e apresentavam setores como camarote, galeria e balcão.

“A arquitetura da sala de cinema ganhou uma identificação plástica e estética com o *art déco*, especialmente o norte-americano, aí incluindo o cine-teatro, a partir de 1928, no Rio de Janeiro”, explica Renato Gama-Rosa. E, apesar de o concreto armado não poder ser associado diretamente ao estilo das construções dos cine-teatros, foi amplamente utilizado em algumas delas, como o próprio Central, com a adoção de linhas mais retas e limpas para as fachadas, em maior consonância com a modernidade arquitetônica que se firmava no Brasil.

Segundo Gama-Rosa, a partir de 1936 já não são construídos novos cine-teatros. Com a ascensão da nova arte cinematográfica, surgiram, mais tarde, salas específicas para sua exibição, sinalizando a consolidação do cinema e da indústria cinematográfica.



DANÇA SOCIALIZAÇÃO, CIDADANIA E AUTOESTIMA

A cultura, grande mediação entre o homem e o mundo, tem sido reconhecida como um fator de desenvolvimento da cidadania, da socialização e da autoestima de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. É na infância e na adolescência que se apreende a relação com o mundo, que se incorpora valores primordiais e se define o caminho para a maturidade: o da rebeldia e/ou acomodação, ou o da integração e da vocação para a transformação. É neste ponto que a atividade artística pode contribuir para sua formação, através do estímulo à criação corporal e artística no mundo em que vivem.

A dança é uma manifestação cultural de especial significado para o conjunto de nossa população e deve ser vista como importante quesito de uma educação integral e de qualidade. Suas aulas trabalham, além do aspecto físico, a autoestima dos alunos, numa relação mútua entre o psico e o social, possibilitando o autoconhecimento, com momentos de muito prazer e alegria. Ao trabalhar a vontade, o desejo e a força dentro de cada aluno, desenvolve-se uma postura crítica e transformadora em relação à ação corporal e artística no mundo em que vivem.

Espelhando-se em inúmeras experiências bem-sucedidas, com a convicção de que a arte e a cultura cumprem importante função na formação de crianças e adolescentes – e de que o seu desenvolvimento integral (motor, intelectual, afetivo e social) passa pelo investimento em atividades complementares à escola –, em 2001 a Corpus Núcleo de Dança criou o "Cidadança", com o objetivo de promover a democratização cultural. O projeto foi aprovado pela Lei Murilo Mendes por dois anos consecutivos e obteve referência especial no Prêmio Mercocidades de Cultura por sua contribuição relevante para a valorização e a inserção social

do homem. Atualmente, o Cidadança mantém convênio com a UFJF através da Pró-reitoria de Cultura.

Nossa metodologia centraliza a arte e a cultura no desenvolvimento de diferentes atividades com o objetivo não só de criar aptidões artísticas, mas, sobretudo, de contribuir para a formação da personalidade de seus alunos e estimulando o verdadeiro sentido da cidadania. Procuramos, através da conscientização e do aprimoramento da percepção sensorial, da imaginação e da criatividade, desenvolver a sensibilidade estética para formar pessoas criativas, com autoconfiança e autoestima elevada.

Segundo avaliação dos responsáveis, todos os alunos apresentaram sensível melhora em diferentes níveis de comportamento. Entendemos que os efeitos do projeto nem sempre podem ser medidos em números. E alguns resultados dificilmente podem ser traduzidos em dados, pois as crianças, além de aprenderem a dançar, passam a se interessar pela cultura, tomam consciência dos problemas sociais e buscam um sentido maior para a existência.

Acreditamos que as crianças, quando estimuladas, desenvolvem rapidamente suas capacidades de desejar e sonhar, e podem transformar a carência de suas vidas com a beleza da dança. Ampliando seu projeto de vida, sofrerão, sem dúvida, mudanças significativas, tornando-se ao mesmo tempo potenciais agentes de transformação social, na medida em que levarão para suas casas novos conceitos de educação e cidadania e, principalmente, a possibilidade de questionar o seu mundo e contribuir para criar um melhor.

Denise Barbosa Milward de Andrade

Assistente social, professora aposentada da UFJF e diretora do Corpus Núcleo de Dança

CENTRAL UM ANO DE PALCO

Há um ano o Cine-Theatro Central ganhava uma publicação mensal totalmente destinada à celebração da cultura. O *Palco* traz, desde sua primeira edição, o compromisso com a divulgação das artes e o resgate da memória cultural da cidade. A diversidade de temas e fatos presentes nas páginas do jornal evidenciam a tradição artística do Central e de Juiz de Fora.

Realizado por iniciativa da Pró-reitoria de Cultura, o *Palco* tem por proposta não só divulgar as ações e eventos promovidos no Cine-Theatro Central, mas resgatar a memória de uma história juiz-forana vivida neste palco. A distribuição do jornal é feita gratuitamente e extrapola os limites institucionais da Universidade ao prestigiar toda a vida cultural e artística da comunidade. Para o jornalista Wilson Cid, nesse caráter abrangedor do *Palco* está uma grande virtude. "Não bastasse o fato desta casa de espetáculos merecer tal publicação, vejo que sua importância é muito mais ampla, porque acolhe, prestigia e divulga iniciativas culturais nem sempre diretamente ligadas ao Central", aprova.

Personagens importantes desta história foram rememorados, assim como aqueles que têm parte de suas vidas ligada ao teatro, como os estudantes universitários e restauradores que retiraram o Central do abandono e do descaso, os funcionários que fazem do Central sua segunda casa e os antigos frequentadores, com suas recordações de emoções vividas no cine-teatro.

Em Juiz de Fora, a agitação política e cultural dos anos 60 e 70 passou pelo Central. Exemplos dessa efervescência, os festivais de música popular brasileira e de cinema foram lembrados nas páginas do *Palco* neste primeiro ano. Ao longo de 12 edições, o *Palco* também trouxe ao público um retrospecto da trajetória vitoriosa do

Central. Os 80 anos de inauguração da casa, celebrados em 2009, fomentaram textos que trouxeram à memória do leitor diferentes momentos do Cine-Theatro: a elaboração e execução do projeto arquitetônico de Raphael Arcuri, a ornamentação de Angelo Bigi e a magia do cinema em seu tempo áureo.

Ao resgatar essa história, o *Palco* torna-se referência fundamental. "Quando o teatro completou 80 anos, fizemos um especial. O *Palco* foi bastante útil. Lá, encontrei personagens e algumas informações que serviram de ponto de partida para a minha apuração", relata o jornalista Leonardo Toledo, repórter do Caderno Dois da Tribuna de Minas. Para o jornalista e editora do JF Hoje, Sílvia Carvalho, o jornal "veio suprir uma importante lacuna na divulgação da cultura e memória locais, principalmente no sentido de resgatar fatos e pessoas que tanto contribuem e contribuíram para que Juiz de Fora, cada vez mais, se fortaleça como um polo cultural".

A sessão com entrevistas tem mesclado personalidades importantes da cultura juiz-forana com personagens nacionalmente conhecidos que passam pelo Central. Luís Melodia, Rita Lee e Alcione foram alguns desses nomes, assim como Mary França, José Santos e Marcos Pimentel, entre outros.

Neste primeiro ano, seguindo importantes premissas de sua Pró-reitoria, o *Palco* assumiu um compromisso com a arte e a cultura local. Ao disponibilizar gratuitamente seu conteúdo, o jornal se compromete com a divulgação e amplo acesso à história e ao cenário cultural, não só do Central, mas de toda a comunidade.

PALCO





MEMÓRIA PARREIRAS E A PINTURA EM JUIZ DE FORA

Angelo Bigi, Heitor de Alencar, Sílvio Aragão, Carlos Bracher, Mário Vieira, Renato Stheling, Inimá de Paula, Wandyr Ramos, Dnar Rocha: muitos dos artistas mais representativos de Juiz de Fora fizeram parte da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras (SBAAP). Com uma história de pioneirismo, hegemonia e perseverança, a instituição desempenhou papel primordial para a cultura da cidade.

Suas origens remetem ao ano de 1922, quando, tendo retornado a Juiz de Fora após concluir seus estudos no Rio de Janeiro, o pintor César Turatti criou um curso livre de desenho, pintura e escultura denominado Núcleo Hipólito Caron. Entre seus alunos estavam Carlos Gonçalves e Américo Rodrigues, dupla que em 1934 viria a fundar o Núcleo Antônio Parreiras – embrião do que mais tarde se tornaria a SBAAP.

Com o objetivo de reunir artistas locais para desenvolver as artes plásticas através da troca de experiência e promover exposições, o Núcleo situou-se à Rua Halfeld. Mais tarde, foi transferido para a Avenida 15 de Novembro, 897 – atual Avenida Getúlio Vargas, confluência com a Rua Branco.

Os associados, em sua maioria de origem modesta, costumavam se reunir à noite no ateliê da sede, onde praticavam. Nos finais de semana, partiam em pequenos grupos para pintar ao ar livre. Em 1939, o grupo perdeu sua sede, mas continuou a se reunir em bares e cafés para trocar ideias e compartilhar opiniões sobre pintura. Dois anos mais tarde, com o Núcleo praticamente desativado, o pintor radicado em Belo Horizonte Aníbal Mattos montou uma exposição no Palace Hotel e reuniu os associados. Desse encontro, em 21 de junho de 1941, nasceu a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras.

O APOGEU

O período compreendido entre os anos de 1950 e 1963 é considerado o auge da SBAAP. “Até meados da década de 50, a Parreiras exerceu papel hegemônico na arte de Juiz de Fora”, ressalta o pintor Lucas Amaral, autor do livro *A Parreiras e seus artistas*. Nessa época, a Sociedade

não apenas congregou a maioria dos pioneiros da fase precedente junto a outros pintores com experiência, como também acolheu uma nova geração, que contribuiu para modernizar a pintura na cidade. O artista Clério Pereira de Souza, conhecido como Pimpinela, marcou esse tempo como presidente da instituição de 1956 a 1961. Mais tarde, em 1963, retornou ao cargo, no qual permaneceu até seu falecimento em 1985.

No início da década de 50, quando Frederico Bracher Jr. – artista que mantinha um ateliê na Galeria Pio X e lecionava pintura – mudou-se para Belo Horizonte, a Parreiras firmou sua supremacia no ensino das artes plásticas em Juiz de Fora. Enquanto muitos professores limitavam-se à reprodução de cópias, na Parreiras o processo de aprendizado era feito com a pintura inspirada no natural, inclusive com utilização de modelos vivos.

“Pegávamos o cavalete, a tela, as tintas e entrávamos num campo para pintar. Nada de fotografia”, lembra Lenine Salvi, que, por 19 anos, foi presidente da instituição. “Retratávamos a cidade nos fins de semana e, na segunda-feira à noite, corríamos para a Parreiras para mostrar os trabalhos. Um pedia ajuda ao outro, criticava, sugeria. Não era bem uma escola porque não havia aulas. Só quem quisesse chegar e aprender”.

Como galeria de artes, a Parreiras também marcou época. “Nas décadas de 50 e 60, Juiz de Fora não tinha uma sala apropriada para fazer exposições. Os artistas dependiam da boa vontade de donos de lojas no centro da cidade que estivessem dispostos a ceder seu espaço para essa finalidade”, lembra Salvi. Em 1950, ele promoveu a *Exposição de Arte Comemorativa do Centenário de Juiz de Fora* e, em 1951, o primeiro *Salão Oficial Municipal* – evento que acontece até hoje, anualmente, durante as comemorações de aniversário da cidade.

Em 2003, a entidade passou a se chamar Associação de Belas Artes Antônio Parreiras. Atualmente localizada na Praça da Estação, a Parreiras oferece oficinas de pintura, escultura, desenho, colagem, aquarela, técnica mista, entre outras. O legado por ela construído e a influência que exerceu sobre a cultura de Juiz de Fora são um marco na história das artes da cidade.

GP

ENTREVISTA GLÓRIA MENEZES

A atriz Glória Menezes esteve em Juiz de Fora em setembro para estrelar o espetáculo *Ensina-me a Viver*, texto de Colin Higgins adaptado e dirigido por João Falcão. Com humor e sensibilidade, a peça conta a história de amor entre Maude (Glória), uma senhora quase octogenária mestre na arte de viver, e Harold (Arlindo Lopes), jovem de apenas 19 anos obcecado pela morte.

Como é dar vida a Maude, de *Ensina-me a viver*?
O que você tem em comum com ela?

É um presente ter um personagem como esse na faixa de idade em que estou. Não se encontram muitas “Maudes” na dramaturgia. Ela domina a arte de viver de maneira proveitosa e criativa. Ela não complica. Temos em comum a alegria de viver, mas ela é mais desprendida que eu.

Você se envolve muito com os personagens que interpreta?

Não. O teatro é visto no momento em que está acontecendo. Quando termina a peça, tudo acaba como num passe de mágica – e assim é também com os personagens.

Para o público, você ficou mais conhecida como uma atriz de TV. Qual a sua relação com o teatro?

Nos últimos quatro anos, não saí do palco. Fiz o espetáculo *Ricardo III* e, em seguida, *Ensina-me a viver* – no qual já estou há dois anos. Conciliei a peça com a novela: de segunda a quarta-feira eu gravava *A Favorita*, e de



quinta a domingo fazia teatro.

O mundo atual oferece uma diversidade de formas de entretenimento além da televisão. Qual seria o futuro da novela, para que o formato não caia no esgotamento?

Não faço ideia porque não sou autora, não tenho essa capacidade de sintetizar. O que o João Emanuel Carneiro fez em *A Favorita*, fechando um assunto e começando outro a cada semana, foi extraordinário. Os autores têm uma capacidade criativa imensa. Acho que as novelas são um fenômeno que se deve às cabeças de meia dúzia de “loucos” que conseguem escrevê-las.

Desde a década de 60, você já atuou em mais de 30 novelas. Como avalia a evolução da teledramaturgia brasileira ao longo das décadas?

Fiz 2-5499 *Ocupado*, a primeira telenovela diária do país, em 1963. Dez anos depois, na década de 70, achamos que as novelas tinham acabado porque já não haveria mais nada a se explorar. Mas, em 2009, elas continuam dando 55 pontos de Ibope. Tenho mais de 70 anos, e estou certa de que não verei o fim das novelas.

Profissionalmente, o que você ainda não fez e tem vontade de fazer?

Procuro sempre viver o presente. No momento, é *Ensina-me a viver* até novembro. Depois vem Natal, Ano Novo... Preciso de férias, que não tiro há quatro anos.

GP

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufff.br

- 02.10, 20h30 *Sinestesia*, Inércia Zero – Projeto Sérgio Lessa
03.10, 21h *Adriana*
07.10, 20h *Gaitas da cidade* – Projeto Sérgio Lessa
08.10, 20h *O semeador de estrelas*
09.10, 20h30 *Vergonha dos pés*, Danton Mello e Juliana Knust
10.10, 21h *Hermanoteu na Terra de Godah*, Os Melhores do Mundo
15.10, 20h30 *Isto é Brasil*, Cia de Dança Carlinhos de Jesus
18.10, 20h *O homem é o único animal que ri*, Isto Cia Teatral – Projeto Sérgio Lessa
23.10, 21h *O círculo do ouro*, Ponto de Partida – 80 anos do Cine-Teatro Central
24.10, 20h *Memórias em movimento*, Academia Overjazz
25.10, 19h *A arte do insulto*, Rafinha Bastos
26.10, 20h *Abertura do Festival Primeiro Plano*

FORUM DA CULTURA

Rua Santo Antônio, 1.112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufff.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA POPULAR

06.10 a 30.10 Brinquedos

GALERIA DE ARTE

13.10 a 23.10 Ensaios Inaugurais

TEATRO

- 21 a 25.10, 20h30 *Alô, alô, quem fala?* – Espetáculo com núcleo de terceira idade
28.10 a 01.11, 20h30 *Esses Moços* – Espetáculo com o núcleo de adolescentes

MAMM

MUSEU DE ARTE

MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufff.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES

Traços contemporâneos.
Galeria Poliedro

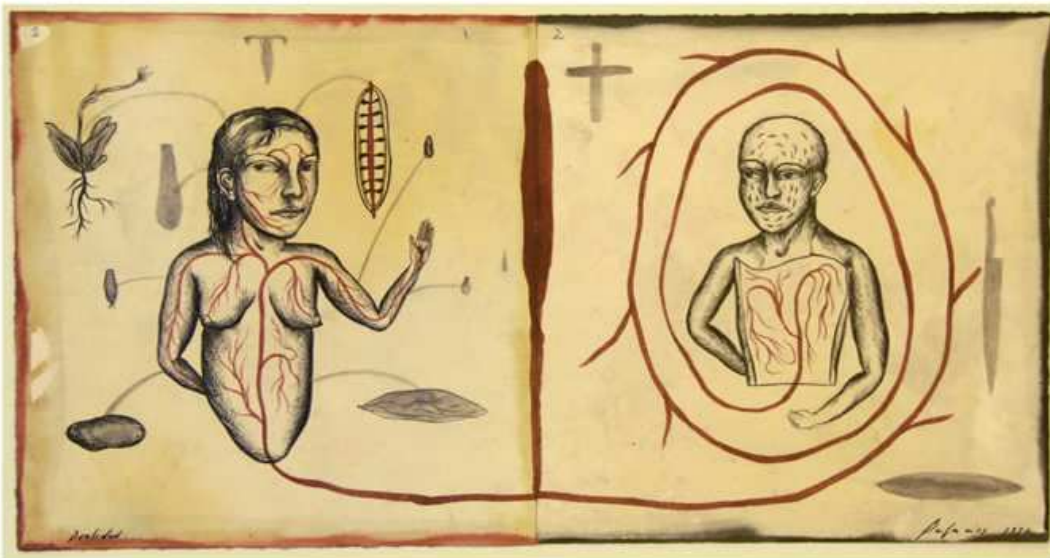
Materialidade na arte brasileira.
Galeria Retratos-relâmpago

O universo francês de Murilo Mendes.
Galeria Convergência

- 02.10, 19h30 Fórum da Cultura Digital Brasileira
28.10, 19h *Dia Internacional da Animação*

LEITURAS TEMÁTICAS

- 03.10, 17h *A trajetória da moda francesa através dos tempos*, João Brago
29.10, 19h *Lançamento dos livros Minerar O Branco e Kiriri Rendáua Toribóca Opé – humberto MAURO revista POR ronaldo WERNECK*, de Ronaldo Werneck



JAIME PALÁCIOS, *Dualidade (Personalidade América)*, 1992, técnica mista (Chile)

MAMM A ARTE UNIVERSAL DO DESENHO

“Traços Contemporâneos”, em exposição no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), transfere a reflexão da obra para o desenho como técnica. Todos os 15 trabalhos da mostra se caracterizam pelo desenho sobre o suporte do papel e pelo continente americano como tema. Artistas contemporâneos de vários países miram nesta linguagem universal sob as mais diversas técnicas e lentes culturais.

As mãos de homens primitivos criaram não só o primeiro registro histórico de uma civilização, mas também uma expressão artística. Manifestação gráfica, estética e cultural elementar, o desenho nasceu naturalista. Animais, cenas cotidianas e mitos foram as primeiras representações exteriorizadas da imaginação humana. Figuras de traços simples foram documentadas em cavernas e paredes, seja na Europa (Lascaux e Altamira), África (Rodésia) ou América (São Raimundo Nonato, no Brasil). Ao usarem as mãos não apenas para fazerem instrumentos de uso cotidiano, mas também para gerarem imagens e carregá-las de sentimento, nasceu a arte.

Essa prática acompanhou a evolução do homem e esteve presente em todas as culturas. A partir de um gesto humano comum, desenvolveu-se e assumiu funções e finalidades distintas em cada sociedade. O desenho passou por adaptações, evoluções e revoluções. A perspectiva do traço renascentista e a mecanização do desenho industrial foram alguns dos momentos em que essa arte se reelaborou. Na contemporaneidade, o desenho se mantém, a despeito até da informatização.

“Traços Contemporâneos” reúne variações e possibilidades dessa técnica. *Continente* (1992), do inglês Antony Gormley, remete ao primitivo. Utilizando terra sobre papel, o artista cria esboços que se assemelham aos desenhos rupestres com formas humanas. Nessa obra, as figuras “nascem” de massa informe, feita do mesmo material, do mesmo “chão”. Ao misturar desenho e pintura, Christian Lapie elaborou *Paraíso Suite* (1992). Homens portando armas são vistos por meio de recortes que revelam também paisagens fotográficas, como o Cristo Redentor.

América (1992), do grego Manolis Polymeris, apresenta os olhos assustados de um continente 500 anos atrás. As colagens em *A democracia levada a sério* (1991), do boliviano Luis Eduardo, e as fotos e texturas de *América* (1992), de seu conterrâneo Valcarcel, figuram ao lado das linhas de *Página (fuego blanco)*, 1989, de Enrique Jezik.

Outros artistas europeus, como o alemão Michael Morgner (*Kreuzigung*, 1983), o finlandês Annu Vertanen (*Dias que vêm, dias que vão*, 1992) e a italiana Kiki Franceschi (*Um mundo novo?* 1992), estão também reunidos no MAMM.

Desde que surgiu, o desenho é também ferramenta de comunicação sobre o mundo, experiências individuais e coletivas, além da memória – recordar um fato, reviver lendas. O artista chileno Jaime Palácios apresenta os polos feminino e masculino com *Dualidade (Personalidade América)*, 1992: o homem que luta e defende e a mulher que gera e fertiliza a terra. Também chileno, o artista Humberto Saavera norteia seu continente com *Há 500 anos és paisagem* (1992). Texto e imagem compõem *365 caminhos de descoberta*, da norueguesa Sissel Tolaas, ao lado de Frederico Pinto (S/ título, 1992). O brasileiro Rico Lins completa a mostra com *Máscara Pop* (1992) – a máquina, a publicidade e os mitos modernos em colagem.

Sobreviver às novas tecnologias da imagem e se readaptar a contextos históricos e culturais distantes são traços importantes da arte do desenho. Prática que une a imaginação do artista às suas mãos criadoras, desenhar é também compartilhar socialmente sentidos. Foi a partir desta arte que a humanidade chegou à escrita, passando pela pictografia e pelos ideogramas. Seu processo evolutivo acompanha a história humana, e sua permanência no panorama artístico contemporâneo reafirma sua sofisticação até os dias atuais.

MF



JORGE ARTIEDA, *500 años América*, 1992, técnica mista (Equador)



RIKO LINS, *Máscara pop*, 1992, técnica mista (Brasil)

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira Pro-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves CINE-THEATRO CENTRAL Conselho Andréa Gerheim, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo Marcelo do Carmo Rodrigues

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável Nelma Frôes Edição Izaura Rocha Diagramação Lígia Lacerda Bolsistas Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) Fotógrafo Alexandre Dornelas Colaboração Denise Barbosa Milward de Andrade Revisão Darlan Lula, Maria Auxiliadora Borém www.theatrocentral.ufff.br (32) 3215-1400.